

Disco: Crítica da edição especial do 'Thriller', que faz 25 anos • 2

SEGUNDO CADERNO

Livro: 'Quem pagou a conta', enfim, é lançado no Brasil • 4

TERÇA-FEIRA, 19 DE FEVEREIRO DE 2008

Divulgação/Raul Lorenzini

Suzana Velasco

Enviada especial • MADRI

José Damasceno abre a porta que leva ao Jardim Interno do Museu Reina Sofía, em Madri, e se depara com um banquinho torto. Vai até ele e arruma sua posição, que deve formar uma linha inclinada em relação aos outros banquinhos. A guarda responsável pelo espaço olha para o artista com complacência, sorri e comenta como é lindo aquele pequeno banco, que parece de brinquedo.

Damasceno vai passando pelos corredores e cumprimentando as pessoas, algumas pelo nome. Já conhece todo mundo que trabalha no museu, pois talvez nunca antes um artista tenha circulado tanto pelos seus cantos quanto ele. Seguramente, nenhum outro artista ocupou, na história do Reina Sofía, os espaços públicos do museu espanhol, um dos maiores da Espanha e de importância mundial. Coube ao brasileiro Damasceno, de 39 anos, a tarefa de preencher com arte esses espaços virgens, "adormecidos", como ele diz. Suas intervenções estão, desde a semana passada, nos tetos, nos bancos e nas paredes dos corredores, nas escadas, na fachada, na biblioteca e na loja de suvenires do Reina Sofía. E no jardim, onde a série de 52 banquinhos brancos interage com os usuais bancos brancos do local.

Três semanas para "viver o museu"

• A idéia de abrir os espaços públicos para uma intervenção artística foi de Soledad Llano e Rafael García, coordenadores do museu e curadores da exposição de Damasceno, "Coordenadas e apariciones", aberta na semana passada, e em cartaz até 19 de maio. Com o convite da Arco — feira Internacional de galerias de arte anual, em Madri — ao Brasil como país homenageado, neste 2008, Soledad e García pensaram que a estréia do projeto poderia ser com um brasileiro. A feira, realizada entre os dias 13 e 18 deste mês, trouxe 32 galerias brasileiras convidadas, e já é tradição, em suas 27 edições, ocupar as instituições culturais madrilenhas com obras e projetos de artistas do país homenageado. Isso está acontecendo em Madri mais uma vez, agora com artistas como Lucia Koch e Fernanda Gomes. Mas nunca havia sido feito algo tão grande como abrir um museu histórico como o Reina Sofía para uma intervenção de arte contemporânea.

— Cheguei a Madri há um ano com um pequeno projeto para uma coletiva, e apenas aqui me dei conta de que queria uma exposição só minha — conta Damasceno, enquanto percorre os já íntimos corredores do museu. — Passei três semanas aqui com muita calma, sem pressão, só observando o espaço, para pensar num projeto. Precisava viver o museu e as circunstâncias que ele impõe.

O resultado foram quase literais aparições e coordenadas, obras marcadas pela surpresa ao espectador, pelo mistério, mas também matematicamente pensadas, medidas. O mistério era praticamente inevitável. Primeiro, porque são nove intervenções espalhadas pelo museu, levando o espectador a um jogo de descobertas — que podem ser mais fáceis caso se sigam as coordenadas de um mapa no folheto do Reina Sofía. Depois, porque, para Damasceno, a obra de arte passa, essencialmente, pelo inexplicável.

— O abismo é a nossa casa — diz ele, antes de um riso sonoro.

Se a idéia era sair das galerias e questionar o lugar da obra de arte, Damasceno quis explorar todo o museu. Na loja de suvenires, obrigatória num grande museu turístico, um

"LEITURA": 300 quilos de massa de modelar, num banco do pátio



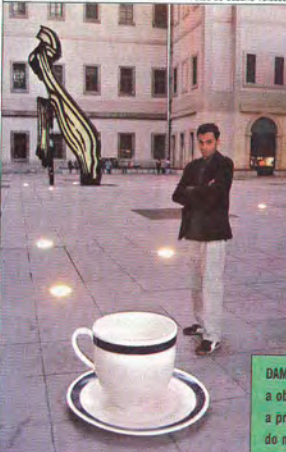
Para acordar o museu

O brasileiro José Damasceno inaugura projeto de intervenções no tradicional Reina Sofía, em Madri



"LEITURA", desta vez na biblioteca: confusão entre o visto e o lembrado

Fotos de Suzana Velasco



objeto sustenta ao alto uma série de idênticos cartões postais, que se misturam aos objetos da loja. Ali, é como se o visitante estivesse num jogo de adivinhação para encontrar a obra, cuja forma remete ao seu título, "Satélite". Não importa em que lugar do mundo se viva, pode-se comprar um desses cartões postais, como se fosse mesmo um suvenir do museu, e recebê-lo após o fim da exposição, em maio. No corredor que leva aos elevadores, "Salto evento" une uma escultura no banco e um desenho a lápis na parede. Nos cinco andares de escadas de pouca circulação, o artista inseriu a obra "Fósforo", formada por caixas de madeira, no formato das de fósforo, porém maiores, dispostas em grupos que se acumulam e se dispersam, num proliferação de imagens que se repete em muitas de suas obras.

— Você tenta se aproximar das caixas e entender como elas se organizam, mas não consegue saber como isso acontece — diz ele, prezando a dúvida. — Vejo como um estímulo estar à frente de algo que não se entende. Isso faz com que o espectador busque refe-

rências para dar conta daquela situação e então o diálogo se dá. O conhecimento também é constituído por um não-saber.

Há um quê de surpresa e de "o que acontecerá agora?" nas obras de Damasceno. Do teto altíssimo do corredor do museu, uma pequena estátua em bronze comprada num antiquário, de cabeça para baixo, leva uma corrente de metal que se estende até uma mesa, onde um tigre de bronze olha em direção à corda, como se fosse pulá-la. O trabalho, "Hil-zza", relacionando a praça, local onde as pessoas se encontram, com o museu, que Damasceno também considera um lugar de reunião. Num balcão, num banco do corredor e numa mesa da biblioteca, estão três esculturas idênticas, cada uma de 300 quilos, formadas por blocos coloridos de massa de modelar. Elas formam a obra "Leitura".

Cálculos rigorosos de um quase arquiteto

• Não só os nomes, mas as próprias peças têm, muitas vezes, cálculos rigorosos. No pátio em frente ao edifício da ampliação do museu, "Crash of a prop" traz oito pastilhas de polipropileno presas ao teto por um cabo de aço sobre uma taça de cerâmica gi-

gante. A exata disposição vertical das pastilhas, de 7,5 quilos cada uma, foi calculada matematicamente, como se elas de fato estivessem caindo do teto, e não presas.

— (O filósofo francês) Jacques Rancière diz que o real precisa ser ficcionado para ser pensado — afirma o artista, sobre essa união de cálculo da realidade e a obra de arte. Ele é um mundo de ficção.

Os banquinhos do jardim também foram calculados para seguir a linha arquitetônica do Reina Sofía. A intervenção chama-se "Plazza", relacionando a praça, local onde as pessoas se encontram, com o museu, que Damasceno também considera um lugar de reunião. Num balcão, num banco do corredor e numa mesa da biblioteca, estão três esculturas idênticas, cada uma de 300 quilos, formadas por blocos coloridos de massa de modelar. Elas formam a obra "Leitura".

— É como se só houvesse uma peça e, ao vê-la de novo em outro local, ela fosse uma lembrança e não uma outra obra. O que é visto e o que é lembrado se confundem. É como se fosse uma aparição — diz ele. — Tentei doar de um tom poético ou ficcional os espaços públicos adormecidos. *Continua na página 4*

DAMASCENO COM a obra "Crash of a prop", no pátio do museu

Obra dialoga com acervo do Reina Sofía

Damasceno é 'um dos artistas emergentes mais sólidos', diz coordenadora da instituição

Divulgação/Raúl Lorenzo

Damasceno teve não apenas que despertar os espaços, mas também que relacionar-se com a coleção do museu, que dispõe algumas obras fora das galerias. No mesmo pátio de "Crash of a prop" está uma escultura de Roy Lichtenstein. No jardim, em meio aos bancos de Damasceno, outra de Joan Miró. E, ao redor das paredes onde fica "Primeiro motim", telas de André Masson e Wilfredo Lam. Formada por 64 peças de xadrez negras e 64 brancas — o tabuleiro de xadrez tem 64 casas: mais uma vez, a lógica por trás de uma obra feita para não ter lógica —, "Primeiro motim" é a única obra não-inédita de Damasceno no Reina Sofía e, por isso mesmo, ele a situou perto das salas da coleção permanente, no segundo andar, "como se as peças de xadrez tivessem se amotinado das galerias".

— É um desafio, mas sobretudo um privilégio manter um diálogo tão estreito com a coleção do museu — diz ele. — Tive que lidar com as obras que estão aqui, que redefinem as minhas próprias obras.

Museu acaba de abrir megaexposição de Picasso

Mais do que isso, as criações de Damasceno partilham o mesmo museu que, também desde a semana passada, abriga uma



"FÓSFORO": intervenção na escada do museu



"PRIMEIRO MOTIM": a obra convive com telas de André Masson e Wilfredo Lam

das maiores exposições de Pablo Picasso já vistas. Além das obras permanentes do Reina Sofía, como o clássico "Guernica", a mostra traz a coleção permanente do Museu Picasso de Paris, com peças como a escultura "Projeto de monumento a Apollinaire", que tanto impressionou José Damasceno, em 1995. Apostar numa exposição ousada como a do brasileiro ao lado de pesos históricos como Picasso foi um risco para os curadores, mas eles estão satisfeitos com o resultado.

— Os *site specific*s hoje são

muito comuns, mas não num museu tradicional como este. Num espaço mais conservador, é difícil sair das exposições convencionais — afirma Soledad. — Escolhemos Damasceno por sua obra, que necessita do espectador, e por ser um dos artistas emergentes mais sólidos. Todos tínhamos medo, é um projeto de muita responsabilidade para o artista e para o museu, que tinha que justificar essa ocupação das áreas públicas, feita pela primeira vez e por um artista tão jovem.

O cenário se complicou ainda

mais porque o museu passou seis meses sem diretor, vice-diretor e diretor de comunicação. As circunstâncias atrasaram a data de inauguração, que acabou acontecendo na semana de abertura da Arco, chamando a atenção para mais um artista brasileiro a tomar para si espaços importantes da cidade. A novidade se nota antes mesmo de se entrar. Em parte da fachada principal do Reina Sofía, 45 sinais luminosos em vermelho trazem alternadamente as palavras "ayer", "hoy" e "mañana" (ontem, hoje e amanhã), que se

acendem e se apagam alternadamente, e são mais visíveis à noite. A brincadeira com essas palavras, "Organograma", é feita pelo artista desde 1997, mas no museu de Madri toma uma forma própria.

— Nunca havia feito esse trabalho com tanta relação com a cidade e com um museu histórico. Já foi um hospital, e, como museu, é um espaço de ontem, mas também de hoje e do futuro. ■

* A repórter viajou a convite do Centro Oficial de Turismo Espanhol